

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

20.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. SETEMBRO 16, 1837.



O RHINOCEROTE ATACADO.

○ RHINOCEROTE DA ASIA, OU ABADA.

(*Rhinoceros unicornis*, LIN.)

ABAIXO do elephante os maiores animaes quadrupedes são o hippopotamo, ou cavallo-marinho, e o rhinocerote. Este ultimo é o segundo em forças; mas de todos o menos intelligente: não recebeu da natureza senão o que ella communmente doou a todos os quadrupedes; é privado de sensibilidade na pelle, e de órgãos distinctos para o sentido do tacto, porque em vez da tromba do elephante, só tem um beijo moavel, em que tem toda a sua destreza.

É superior aos outros animaes unicamente pela força, pelo tamanho, e sobre tudo pela arma offensiva, que tem sobre o nariz, e que é privativa da sua especie: esta arma é um corno durissimo, solido em todo o comprimento, e mais vantajosamente situado que os dos animaes ruminantes; os destes só munem as partes superiores da cabeça e do pescoço, ao passo que o corno do rhinocerote defende todas as partes anteriores do focinho, e preserva a boca, queixadas, &c.: de sorte que o tigre ataca mais depressa o elephante, porque se lhe pôde agarrar á tromba, do que o rhinocerote, a cuja cabeça não pôde filar-se, pelo risco de ser estripado; porque o corpo, e os membros deste são cobertos de uma capa impenetravel, e o animal não teme nem as garras do tigre ou do leão, nem o ferro ou fogo dos caçadores. A pelle é lisa, e de côr tirante a negro, como a do elephante, porém muito mais grossa e dura; pelo que não é o rhinocerote, como aquelle, sensivel ás ferroadas das moscas; não pôde tambem franzir, nem contrahir a pelle, que só faz umas grandes rugas no pescoço, nas espaldas, e na garupa, que facilitam os movimentos da cabeça e das pernas, de fórma que parece armado de couraça. Tem a cabeça proporcionalmente mais comprida que o elephante, porém os olhos inda mais pequenos, e só os abre por metade. O queixo superior sobresae ao inferior, e o beijo de cima é movediço, e pôde estender-se a seis ou sete pollegadas de comprido, e remata n'um appendice bicudo, que dá mais facilidade a este do que aos outros quadrupedes de colher a herva em feixes, como o elephante faz com a tromba: este beijo musculoso, e flexivel, é uma especie de mão, ou tromba incompletissima, mas que não deixa de agarrar com força, e de palpar geitosamente. Em vez dos compridos dentes de marfim, que são as presas do elephante, tem o rhinocerote o seu rijo corno, e dois fortes dentes incisivos em cada queixo, que o elephante não tem. Traz sempre as orelhas direitas, que pela fórma semelham ás de porco, com o qual se parece tambem na voz grunhidora, e em certas propensões, e habitos ferozes e estupidos: e pertencem ambos á mesma familia, que os naturalistas chamam dos *pachydermes*. É só nas orelhas que tem pellos, ou para melhor dizer, sedas; e tambem na extremidade da cauda tem, como o elephante, uma borla dellas, grande, mui consistentes e rijas. As pernas são curtas e maciças, com tres dedos com cascos, nos pés e nas mãos. É unicamente vulneravel pela barriga, pelos olhos, e junto ás orelhas.

O rhinocerote, de que vamos fallando, é o da India Oriental, que tem um só corno fixo: ha outra especie no interior da Africa, descripta por Bruce, le Vaillant, e outros (*Rhinoceros bicornis*), que tem dois cornos moveis, situados, um na extremidade, outro na raiz do nariz, sendo sempre este ultimo o mais curto; e não tem a pelle assim enrugada como os da outra especie; comtudo parece que esta variedade não é só de clima, e que tambem na Asia já tem apparecido, ainda que raros, alguns dos bicornes.

Os Indios teem em grande preço o corno de rhinocerote, não tanto pela materia, inda que delle fazem varias peças ao torno, como pelas propriedades medicinaes, que lhe attribuem: e não só o corno, mas todas as outras partes do corpo, e até os excrementos, elles reputam como antidotos de toda a casta de venenos, e como remedios para muitas enfermidades. Ha toda a probabilidade de que essas virtudes são imaginarias, e quantas coisas não ha cá pela Europa, com o mesmo afinco procuradas e estimadas, e que não tem outro valor senão o que lhes dá a opinião? . . .

Posto que o rhinocerote não seja carniceiro, nem extremamente fero, comtudo é intractavel: e o mesmo em ponto grande que é o porco em ponto pequeno, sem intelligencia, sem sentimento, e sem docilidade. Tambem, como o porco, é propenso a chafurdar e revolver-se no lodo: gosta dos sitios humidos e pantanosos, e nunca larga as margens dos rios caudalosos. Sustenta-se d'hervas grosseiras, de cardos, d'arbustos espinhosos; e prefere estes alimentos agrestes á tenra pastagem das mais apraziveis campinas: gosta muito das cannas d'assucar, e tambem come toda a casta de grão. Como não é carnívoro não inquieta os animaes pequenos; tão pouco se teme dos grandes, e até o tigre se não atreve a accommette-lo.

O rhinocerote rarissimas vezes é o aggressor; mas se o perseguem perde o tino, cae em accessos de rematada ferocidade, e derriba arvores e quanto se lhe põe diante. Kolbe, escriptor acreditado, diz na sua descripção do Cabo da Boa-Esperança que o rhinocerote d'África só ataca os homens sendo provocado, ou vendo-os vestidos de encarnado; mas que não é difficil escapar-lhe porque só vê adiante de si, e ainda que seja ligeiro, como a colera o cega, e vai de corrida, é deixa-lo chegar perto a dez ou doze passos, e arredar-se o homem para o lado, porque elle passa furioso sem o ver, continuando na carreira. Kolbe affirma que por vezes assim lhe acontecêra.

Rarissimas vezes acontecem combates entre rhinocerotes e elephantes, porque tem poucas occasiões de se encontrarem, e menos motivos de dissensão; mas quando chega a haver conflicto é renhido e terrivel. Um só rhinocerote disputa e sustenta o terreno contra muitos elephantes, e ainda que fique vencido sempre deixa estirados dois ou tres elephantes, porque aproveitando-se da circumstancia de ter as pernas extremamente curtas em comparação daquelles, lhes pôde vibrar cornadas por baixo do ventre, e rasgando-lh'o, os estripa e acaba: o elephante por sua parte o investe com as prezas, e se o inimigo erra o polpe, o esmaga e espesinha debaixo do peso enorme de seu corpo. Este facto por alguns tem sido contestado, o certo é que Plinio falla destes combates entre dois animaes destas differentes especies, como um dos espectaculos do circo de Roma.

Os rhinocerotes são menos numerosos, e menos espalhados, que os elephantes, nem como estes andam em bandos; são mais solitarios, esquivos, e bravios. As femeas parem um de cada parto, e os teem com intervallos consideraveis. São difficéis de caçar; tem uma pelle durissima, onde não entra ferro d'espada, ou lança, e que até resiste ás balas de mosquetaria. Os caçadores, como sabem que elle procura os sitios pantanosos, o espreitam quando se acolhe a estes charcos, cobertos nas Indias de bastos juncaes, e escondendo-se entre as moutas da parte contraria ao vento, porque o animal tem mui atilado olfacto, aguardam que se deite para dormir, ou espojar-se, e então lhe disparam sobre os sitios vulneraveis das orelhas, ou da barriga, e assim conseguem mata-lo. Este animal só é util depois de morto, e util só para os Indios, que lhe comem a carne, e lhe aproveitam o corno, e

outras partes para seus remedios. Do couro, que é rijissimo e impenetravel, fabricam algumas obras grosseiras e de muita duração. Afóra isto lucraram tambem em o matar por causa do immenso estrago, que faz nos arbustos dos prados e nas plantações da canna assucareira, quando lhe póde chegar.

Os antigos diffundiram muitas fabulas fundadas na existencia deste animal, contando que havia uma fera chamada unicornio, que tinha uma hastea na frente, a qual era singular preservativo de todo o veneno, e que deitada qualquer porção de peçonha em um copo fabricado daquelle osso, começava instantaneamente a ferver, manifestando a sua ruindade: que era tal a virtude daquelle animal, que estando todas as demais feras dos desertos á roda de um charco envenenado pelos reptís, ou plantas damnosas, não ousavam beber em quanto elle não chegasse, e mergulhasse o corno dentro n'agua para a purificar. Estas e outras semelhantes patranhas vogaram em quanto os factos da historia da natureza não foram pesquisados e averiguados. Mas como póde ser que alguém tenha ouvido e acreditado estes contos de velhas, por isso aqui delles fizemos menção. Aquelle animal é por certo o rhinocerote, e as suppostas virtudes alexipharmacas do corno nasceram talvez da credula superstição dos Indios, que usam delle como de triaga universal, conforme dissemos.

PRIMEIROS REIS PORTUGUEZES — ANTIGAS DISSENSÕES COM ROMA.

III

MORTO D. Sancho (em 1248) tomou seu irmão o titulo de rei. Era D. Affonso conde de Bolonha ou Altamira, cidade da Picardia, cujo senhorio lhe viera da condessa Mathilde, com quem casára, andando em França como simples cavalleiro. Quando os inimigos de D. Sancho offereceram a D. Affonso a regencia do reino, fizeram-lhe assignar um papel, a que sem duvida podemos chamar infame, no qual elle se obrigava por juramento a ser um mero executor da vontade do clero. Subindo ao throno cumpriu as promessas feitas: e a influencia dos ecclesiasticos foi desmedida no começo do seu reinado, pelo que é mui gabado dos nossos antigos historiadores. Passado pouco tempo D. Affonso repudiou a condessa Mathilde, que deixára em França, e desposou-se com D. Beatriz, filha bastarda de Affonso, rei de Castella, chamado o sabio. Dizem que a condessa, vindo a Portugal e sendo mal recebida de seu marido, voltára para França, donde, por parentes e amigos alcançou do papa que se oppozesse ao consorcio criminoso de D. Beatriz. Com effeito o pontifice fulminou censuras contra elrei; mas o clero portuguez, que estava satisfeito com a valia que alcançára, e que não via no procedimento do principe senão uma pequena immoralidade, e a prova de um character ingrato, riu com elle dos raios de Roma. Até a morte de Mathilde viveu tranquillo D. Affonso com a sua nova esposa, legitimando o papa, depois deste successo, aquella união criminosa, a pedido do arcebispo de Braga e de outros prelados, e mediante uma somma avultada, exigida em attenção á *graveza do peccado*.

No começo do reinado de D. Affonso estava Portugal desinçado de Mouros, salvo no Algarve, onde ainda lhes eram sujeitas Faro e outras povoações. Já no tempo de D. Sancho 1.º os Portuguezes haviam conquistado uma parte desta provincia; mas tornaram brevemente a perde-la. D. Sancho 2.º encetou de novo aquella conquista, e apossou-se de Mertola, Ayamonte e Cacella, as quaes villas doou á ordem de

Sanctiago, em obsequio do commendador d'Alcacer, D. Paio Peres Corrêa, o qual brevemente tomou, por si e por seus cavalleiros, Tavira e Silves. Nomeado D. Paio mestre da ordem de Sanctiago, as coisas ficaram neste estado, até que morto D. Sancho, elrei D. Affonso determinou continuar a conquista; e indo sobre Faro a tomou, acabando assim, em pouco tempo, de sujeitar todo o Algarve.

Voltou então elrei a Coimbra a prover em algumas coisas que cumpriam ao bom governo do reino, e a preparar-se para de novo guerrear os Mouros na Andaluzia, o que poz por obra no anno seguinte, tomando alguns logares naquella provincia.

Morrêra por este tempo D. Fernando, chamado o Sancto, rei de Leão e Castella, e succedêra na corôa seu filho D. Affonso 10.º, a que deram depois o appellido de Sabio. Viu este que os Portuguezes se iam engrandecendo muito, apesar de enfraquecidos com a falta de muitos senhores e cavalleiros, que haviam seguido o bando de D. Sancho 2.º, e que ainda andavam foragidos por Hespanha. Confiado nisto moveu guerra a D. Affonso 3.º, tomando por pretexto, segundo parece, o pertencer-lhe a conquista do Algarve e da Andaluzia. Os Portuguezes foram mal succedidos nesta contenda, e viram-se obrigados a largar ao Castelhana o que tinham ganhado aos Mouros da Andaluzia, e a cederem as rendas do Algarve a D. Affonso 10.º, durante a sua vida sómente, ficando o senhorio delle a elrei de Portugal. Foi tambem por esta occasião que se tractou o casamento de D. Beatriz com D. Affonso 3.º, de que anteriormente fallámos.

Deu-se então elrei á administração do reino, convocando côrtes em Leiria (1254), onde se fizeram varias leis geraes e municipaes. Fundou, além disso, muitas villas, e acrescentou outras, nomeadamente, entre as primeiras, Vianna e Odemira, e entre as segundas, Valença, Melgaço, e Beja, dando-lhes foraes, fortalecendo-as, e até povoando de novo algumas dellas.

Dahi a pouco se acabou de assentar de todo a paz entre Castella e Portugal, marcando-se as fronteiras deste paiz por onde parte com o reino de Leão, sobre o que recresciam duvidas, e cedendo o Castelhana as rendas que recebia do Algarve ao infante D. Diniz, a troco de cincoenta cavalleiros com que o infante se obrigou a soccorre-lo em occasiões de guerra. Esta mesma obrigação foi remida no fim de algum tempo, em obsequio do soccorro que D. Diniz levou a Castella quando os Mouros tinham posto em grande aperto elrei D. Affonso 10.º.

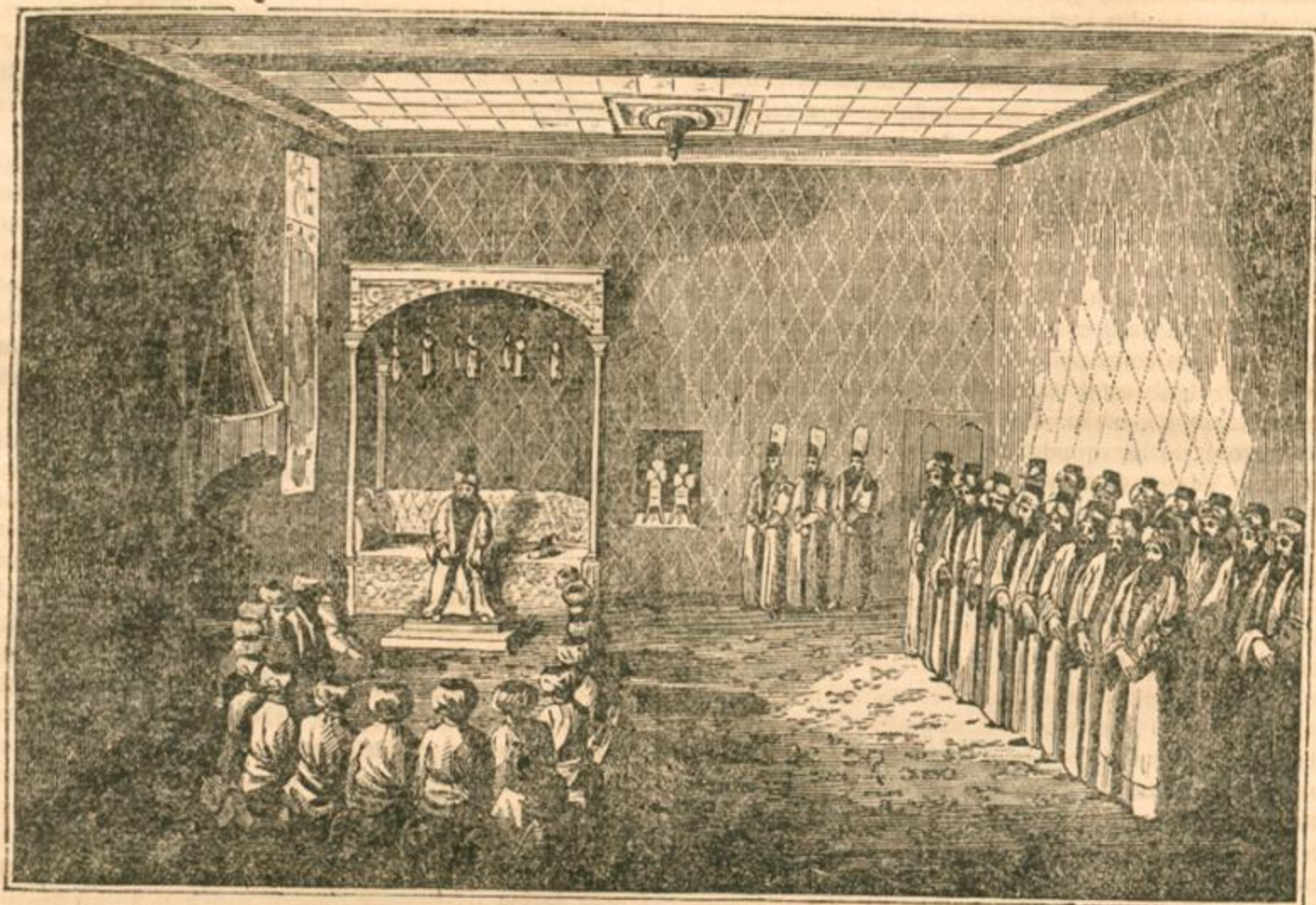
Depois de tantas prosperidades o reinado do conde de Bolonha acabou por dias tempestuosos. O clero, que o tinha elevado ao poder, fôra por elle recompensado com a restituição de todas as prerogativas de que havia sido privado; porém D. Affonso, vendo-se inteiramente seguro no throno portuguez, tractou de sacudir o jugo ecclesiastico, e seguir as pisadas de seu pai e de seu irmão. Doeu-se disto o clero, como era de crer: — os bispos excommungam elrei: segue este ávante na sua empreza: vão aquelles a Roma queixar-se ao papa Gregorio 10.º, o qual reprehende asperamente elrei: titubea finalmente D. Affonso, e convocando côrtes em Santarem, nellas finge acceder ás principaes pretenções do clero; e assim se acalmam por algum tempo as publicas perturbações.

Pouco durou a paz. Elrei esqueceu-se de cumprir as promessas que a politica lhe extorquirá. Enfureceu-se então o successor do humilde e paciente S. Pedro, e fulminou uma bulla em que desligava os povos do juramento de fidelidade a elrei, se dentro em tres mezes não estivesse por quanto o clero delle pretendia. A morte do papa e de tres successores seus, no

espaço de um anno, suspendeu por algum tempo o effeito das censuras de Roma: e posto que por fim o nuncio em Portugal promovesse a ameaçada revolução, que devia assemelhar os ultimos dias de D. Affonso aos de seu irmão D. Sancho, elrei se conservou firme em seu proposito, e só á hora da morte conveio em tudo o que d'elle se exigia, confiado talvez em que seu filho D. Diniz examinaria se convinha cum-

prir ou não as promessas arrancadas aos temores e fraqueza de um homem moribundo.

Assim acabou este principe no anno de 1279, tendo reinado 51 annos depois da morte de D. Sancho, a quem usurpára o governo. Devemos confessar que D. Affonso se mostrou digno do throno, apesar dos máus auspicios com que nelle se tinha assentado.



FESTA DO BAIRÃO.

RAMADÃO E BAIRÃO DOS TURCOS.

ANTES que comecemos a tractar da festa do *Bairão*, ou paschoa dos Musulmanos, é justo que digamos alguma coisa ácerca do *Ramadão*, ou quaresma, que a precede.

É este um dos mais famosos ritos da religião dos Turcos, e a sua observancia, de obrigação canonica, por ser um dos cinco pontos capitaes do Islamismo; sendo os outros reconhecer um só Deos, e Mafoma, seu propheta; orar em determinados periodos; dar esmolas; cumprir, sendo possivel, a peregrinação de Meca.

Ramadão é o nome do nono mez dos Turcos, que foi applicado áquelle periodo de restricto jejum, a que a lei os obriga. Este jejum começa com a lua nova, isto é, no ponto da sua primeira apparição no ceo, porque toda a sciencia dos astrónomos Turcos ainda lhes não chegou para calcularem o tempo exacto da *conjuncção*. A importancia de fixarem rigorosamente o momento certo de começar o *Ramadão* os obriga a observarem com o maior cuidado a primeira apparição do novilunio; tarefa, que occupa a attenção dos magistrados nas differentes cidades, e até dos ministros na capital. Certos officiaes vigiam nos corucheus das mais altas mesquitas, ás vezes uma noite inteira, espreitando o momento preciso da apparição da lua; é necessario o depoimento de duas testemunhas competentes para constituir prova legal desta apparição, e geralmente é decisivo; e findo o prazo

estabelecido de trinta dias, decorridos desde a hora da observação, póde quebrar-se o jejum; e a festa do *Bairão* principia.

Se o tempo está ennevoado nessa occasião, e não deixa ver a lua, geralmente basta o depoimento de uma só testemunha, de qualquer sexo ou condição, a quem coubesse em sorte a felicidade de a descobrir; mas neste caso não é recebido como prova legal, mas simplesmente como declaração: e então não póde quebrar-se o jejum logo no fim dos trinta dias; continúa até a apparição da lua seguinte, que annuncia com certeza que o tempo de começar o *Bairão* é chegado. Se acontece apparecer a lua antes dos trinta dias completos, sempre o *Ramadão* se considera acabado; e a falta de um, dois, ou mais dias de jejum, é supprida pelo anno diante nos dias que cada um livremente escolhe. Se acontece que a obscuridade do tempo tambem empeça ver-se esta segunda lua, então o jejum se conta do periodo anterior mais proximo, que se substitue ao tempo verdadeiro, isto é, conta-se do dia trigesimo do mez antecedente ao do *Ramadão*.

Cumpré aqui observar que o anno Mahometano é lunar, composto por consequencia de 354 dias; pelo que estas festas n'um periodo de 34 annos devem cair successivamente em todas as estações do anno.

Nenhum povo, de qualquer religião que seja, tem um jejum tão rigoroso, como o Musulmanos. Em todos os trinta dias, em quanto o sol brilha no horisonte, não podem metter na boca a minima porção de alimento, ou de bebida, e o que ainda é mais penoso,

nem sequer tomar uma fumaça do seu querido tabaco: os rígidos devotos até se privam do gosto de cheirar as flores odoríferas. São unicamente dispensados os meninos, os reconhecidamente doentes, as amas de leite, as pessoas muito idosas, e os que andam viajando.

Durante este tempo todo o Turco de mediana condição traz consigo um roziario feito de caroços de tamaras colhidas nos arredores sanctificados de Meca. Os moços e negligentes contentam-se em contar, ou passar as contas do seu roziario, de traz para diante, e vice versa, em moto continuo; porém os velhos e devotos acompanham esta operação com a repetição dos noventa e nove attributos, que os doutores mahometanos assignam ao Omnipotente. Consomem horas inteiras nesta occupação, observando o vagaroso movimento das mãos, e o cair das contas, anhelando pelo momento em que o luminar do mundo, escondendo-lhe da vista o seu disco radiante, os allivie da abstinencia.

Muitos opulentos se indemnizam de noite das privações do dia, que pela maior parte levam a dormir, ou em absoluta ociosidade; contudo no meio do ocio, muito sensível lhe é a falta do cachimbo, porque todos estes Orientaes teem uma paixão ardente pelo tabaco de fumo: todo o seu entretenimento consiste em passar as contas. Porém todas as classes de artistas, e de homens, que vivem do trabalho de suas mãos, sofrem incomparavelmente mais todo o peso desta abstinencia, com especialidade, quando cáe no verão; exposta aquella pobre gente ao calor do sol o dia inteiro em seu clima abrasador, sem nem ao menos ousarem tomar um bochecho d'agua. «Eu vi os barqueiros em Constantinopola (diz Mr. Turner) largarem os remos quasi desfallecidos, mas nunca vi, nem me consta um exemplo de cederem á tentação de violar o jejum.» — Todos o supportam com a resignação, que o enthusiasmo fanatico de ordinario inspira: proseguem em seus tractos e negocios com a mesma actividade que no restante do anno (a qual, a fallarmos a verdade, não é muita); e affectam o mais possível a isenção de pena, ou de tibieza. O verdadeiro cren-te é mais escrupuloso neste que em outro qualquer ponto da prática da sua religião; e a mais leve transgressão voluntaria estamparia no réo o ferrete indelevel da infidelidade e da apostasia, dignas de severissimo castigo, e sem esperanças de perdão; pelo que nenhum delles resvala da observancia deste artigo importante de sua crença. Se alguns ha que menos escrupulosos se atrevam a infringir o preceito, serão pessoas de subida jerarchia, que o pratiquem com todo o recato e segredo: o geral do vulgo cumpre a penitencia á risca, muitos por medo do castigo, e o resto por fanatismo.

Apenas o sol é posto a monotonia desaparece; brilha nos rostos um certo contentamento, e os Turcos se desferram quanto podem da abstinencia de todo o dia; é sobre tudo incrível a sofreguidão com que se deitam ao cachimbo.

Toda a noite estão as mesquitas abertas, aonde concorrem os devotos, que alli se occupam em rezar: mas como tambem os cafés e casas de pasto estão igualmente abertas, o maior numero se acolhe a estas, e passam a noite em folguedo e comezana. Os magnates e opulentos dão magnificos banquetes em suas casas. É singular nesta epocha o contraste entre os dias, e as noites; coisa bem capaz de interessar e divertir o viajante curioso. Fazem então mais fortuna que em outro periodo do anno os romancistas ambulantes, que correm todos os bairros contando suas historias, e ajuntando numerosas rodas de ouvintes.

Logo que expira o praso do jejum, começa a festa

do grande *Bairdo*, que dura por tres dias, ainda que por lei não seja mais de um: passados setenta dias precisos depois desta ha outra a que chamam *Curban-Bairdo*, que dura quatro dias. Estas duas festas são as unicas geraes para os Turcos em todo o decurso do anno: não tem outros dias sanctos. O seu calendario menciona uma terceira festa, a do nascimento de Mafoma, porém é quasi nominal para o publico, por ser privativa da côrte.

O grande *Bairdo* é mais uma festividade de geral regozijo, do que de ritos religiosos, ainda que tenha estabelecidas suas rezas particulares para o nascer do sol. É dia de camiza lavada (como usamos dizer) para todo o bicho musulmano.

Logo pela manhã começam salvas de artilheria e toques de tambores; e por toda a cidade andam musicas e cantorias: a gente moça borrija-se mutuamente com aguas de cheiros; e todos se cumprimentam com demonstraões de alegria. Os Turcos se visitam reciprocamente; os ricos e os grandes saem com grande pompa, e todos geralmente deitam as suas galas novas. Dão presentes uns aos outros acompanhados de cumprimentos, como as nossas boas-festas.

Como os dois *Bairões* são as unicas solemnidades religiosas deste povo, são tambem as unicas epochas, em que é permittido em todas as cidades mahometanas fechar as lojas, armazens, e mercados publicos. Todo o trafico e commercio, todo o trabalho manual é prohibido nestes sete dias do anno. As creanças vão por casa dos parentes beijar a mão a seus avós, tios, etc. Porém os subalternos beijam aos seus superiores, e ás altas dignidades do imperio, a orla, ou canhão do vestido. É esta quasi a unica occasião em que se usa geralmente apertar a mão, abraçar, e praticar outras demonstraões affectuosas de estimação e de amizade.

Porém não obstante tudo isto sente-se neste festejo a falta daquella vivacidade, e alegria turbulenta, que de ordinario se manifesta nos publicos regozijos das outras nações. A musica e a dança, partes integrantes e essenciaes de qualquer festa em qualquer povo, são pouco cultivadas pelos Turcos, que as abandonam aos escravos, e a musicos e dançantes de profissão. Estas agradaveis artes estão entre elles em tanto atrazo como a civilisação. O maior recreio do povo consiste em passear tranquillamente pela cidade e arrabaldes. Os parentes e amigos se ajuntam em ranchos, e vão visitar os seus conhecimentos, parando de quando em quando nas praças, ou nos passeios publicos, para fumar, tomar café, ou conversar nos assumptos do tempo, ou em anedotas particulares, e ás vezes para ouvirem os Improvisadores ambulantes. Em tempos mais antigos, a isto puramente se restringia todo o divertimento: hoje porém já tem seus espectaculos publicos, e assistem, por exemplo, aos combates de lutadores, ás sombrinhas, &c.: mas o character nacional taciturno e melancolico, reveste sempre estes ajuntamentos de certo ar de gravidade. E assim necessariamente deve ser em um povo, fatalista por crença, sujeito a um jugo despotico, e privado da frequencia entre os sexos, que tanto amacia os costumes, e alegra a sociedade. Finalmente não pouco contribue para a melancholia, e falta de hilaridade, a privação do vinho, que sendo proscripto por sua lei, é ainda mais rigorosamente prohibido nestes dias solemnes. Nas vespuras de cada *Bairdo* a policia põe cuidadosamente cadeados com sellos nas portas das tavernas, que só existem em os arrabaldes, onde habitam os Christãos. Actualmente muitos Musulmanos vão infringindo esta lei, porém ás escondidas. Mr. de Tancoigne diz: «O uso do vinho, a despeito da severa prohibição, se vai generalizando ha annos a esta parte entre os Musulmanos. Eu me achei

em um dos dias do Bairão com dois amigos meus em casa de um official do serralho, que nos tinha convidado para ver passar o cortejo do Sultão: podémos então observar, que não obstante o solemne daquelle dia, os Turcos presentes não tiveram escrupulo em largarem as redeas á sua irresistivel inclinação ao fructo vedado, »

A segunda festa, ou *Curban-Bairão* só diversifica na cerimonia adicional dos sacrificios de animaes, com que pensam aplacar a ira de Deus, e te-lo propicio. Cada individuo, ou chefe de familia é o sacerdote desta cerimonia, e póde consumma-la em sua propria casa. Os animaes immolados commummente são carneiros: os ricaços matam bois, ou muitos carneiros. Comem a carne; ou a distribuem pelos pobres de baixo da condição de certas rezas, ou coisa semelhante.

A cerimonia dos dois *Bairões*, em os primeiros dias de cada um, é a mais apparatusa e importante da cõrte, e faz-se com grande pompa e solemnidade. O grão-senhor recebe então as homenagens e cumprimentos de todas as dignidades do imperio, estando sentado em o throno de prata, e rodeado dos funcionarios de sua casa, como se vê na estampa. Esta cerimonia se pratica n'uma sala do serralho ao nascer do sol: é uma especie de beijamão, com a differença que o sultão dá a beijar o canhão da manga do vestido; logo que acaba, dirige-se o grão-senhor á mesquita principal com sequito muito mais brilhante que o das sextas feiras do anno. Este magnifico acompanhamento se acha descripto em varias relações de viagens, e é o apuro do luxo e ostentação oriental. Este fausto tem decaído no reinado do sultão actual, que se occupa mais em preparativos dos seus arsenaes, do que em ceremonias do rito e etiquetas da cõrte.

PRIMEIROS SOCCORROS EM CASO DE FERIMENTO.

HA circumstancias em que o perigo é tão imminente que nem sequer ha tempo para chamar um cirurgião, porque entretanto morreria o doente, principalmente se aquelle morar muito longe, como muitas vezes acontece fóra da terra. Nestas occasiões todo o homem é medico, pelo que bom seria que todos soubessem o como se hão de administrar os primeiros soccorros em caso urgente, o que convém fazer, e tambem o que se deve evitar, coisa de quasi tanta monta como a primeira; assim, por exemplo, se em caso de asphyxia (1), de envenenamento, ou de ferimento em uma arteria maior, o individuo não fôr soccorrido com intelligencia e presteza, está irremessivelmente perdido, quando alguns remedios convenientemente administrados, — o transporta-lo para o ar livre no primeiro caso, — o vomito provocado no segundo, — a compressão do vaso ferido no terceiro, podem arranca-lo á morte em toda a extensão da palavra.

Cumpra por tanto antes de tudo, quando acontecer algum desastre, examinar com animo socegado a natureza delle, pois nada é mais prejudicial do que a precipitação, e o medo, que, impedindo que se descubra qual é o mal a que é mister acudir com o remedio, causam enganos que podem vir a ser mais funestos do que o proprio mal. Collocar-se ha logo a pessoa a quem succedeu a infelicidade, na posição mais commoda que as circumstancias e as localidades permitirem, ficando á mostra a parte doente, e far-se ha com que se retirem os assustados, a gente inhabil, os falladores indiscretos, e aquelles que se mettem a doutores.

Vale mais que quem não estiver apto para prestar soccorros proveitosos se abstenha de o fazer, e se li-

(1) Privação subita do pulso, da respiração, dos movimentos voluntarios, e da sensibilidade, como acontece aos sufocados, aos estrangulados, e aos afogados.

mite aos geraes, até chegar uma pessoa mais intelligente, do que estrague a obra, permitta-se-nos a expressão, fazendo remedios a torto e a direito. Aquelle que estiver bem senhor do que ha-de fazer, deverá proceder com ordem, com methodo, e principalmente com perseverança, sem que a inutilidade apparente dos seus desvelos o descorçoe, pois muitas vezes se tem visto renascer a vida dos afogados e enforcados, quando já se julgava extincta para sempre.

Habilitar-se para ser util a si mesmo e aos outros em caso de desgraça, em quanto não vem o medico, é um dever de todo o amigo da humanidade. O homem instruido deve ter firmeza, presença de espirito, e discernimento, saber em occasiões criticas valer-se de tudo que lhe cair debaixo de mão, em beneficio do doente, e certo de que os meios mais simples, aquelles que se encontram em toda a parte, são tambem quasi sempre os mais energicos, não pôr confiança nesses suppostos remedios infalliveis, cuja efficacia se diz comprovada por milhares de curas, mas que em ultima analyse são absolutamente insignificantes, e consistem em um expediente simplicissimo, envolto n'uma multidão de coisas inuteis, cuja menor inconveniente é o da perda d'um tempo precioso.

Diversos meios são applicaveis ás feridas conforme os sitios em que são feitas, os instrumentos que as produziam, e as complicações de accidentes, taes como as fracturas, as deslocações, e a introdução de corpos estranhos. Fallando em termos geraes o perigo das feridas é tanto maior quanto mais essenciaes á vida são as partes offendidas. As mais graves de todas as feridas são as da cabeça, quando o cerebro é offendido, e depois dessas as do peito, e do ventre. As feitas com instrumentos de gume, que separam os tecidos sem achar resistencia, são menos graves que as causadas por instrumentos perfurantes, que cortam mal, ou por corpos rombos que trilham ou pisam as carnes: neste caso estão as feridas de armas de fogo, dentro das quaes ficam além disso corpos estranhos que é necessario extrahir por meio de operações chirurgicas. Nas mesmas circumstancias se acham as feitas com instrumentos envenenados, como as prezas — da vibora e da cobra de cascavel, o ferrão de muitos insectos, os dentes de animaes damnados, e as facas que serviram para desmanchar animaes mortos de carbunculos, ou em um estado de podridão adiantado. Finalmente os ferimentos acompanhados de deslocação ou fractura d'ossos, de rompimento de grossos vasos sanguineos, &c. são summamente graves.

Nada disto deve escapar á attenção de quem quizer ser util ás pessoas feridas, quer tractando-as como convém, quer abstando-se de fazer, ou evitando que se façam, coisas capazes de aggravar o mal, o que não é de menor importancia. É evidente que a maioria das feridas supramencionadas exige operações e curas que uma pessoa estranha á arte de curar não póde emprehender, e por isso a melhor coisa que se póde fazer, em semelhantes conjuncturas, em quanto não vem o medico, é pôr o doente na posição em que sintta as menos dores que fôr possivel.

Nas feridas simples, que não passam da pelle e das partes carnosas, como são os golpes mais ou menos profundos, deve-se pôr todo o empenho para conseguir que a reunião das partes cortadas seja a mais immediata e perfeita que ser possa, para o que é necessario fugir desde o principio de apertar os labios da ferida, e de lançar-lhe dentro, como se costuma fazer, agua salgada, tabaco, liquidos espirituosos, e outros medicamentos cujo effeito consiste em augmentar as dores e retardar a cicatrização. É tambem nocivo espremer as feridas em todos os sentidos a fim de as fazer sangrar: a primeira precaução que convém

tomar é o lava-las muito bem com uma esponja molhada em agua morna ou fria, para tirar todo o sangue coalhado, areia, terra, ou outros corpos estranhos, que por acaso se lhe introduzissem. Isto feito, unam-se o mais que fôr possível os dois labios da ferida, que se conservarão unidos, pondo-se-lhe por cima tirinhas de oleado inglez, ou o que ainda é mais seguro, porque a humidade o não despega tão facilmente, tirinhas de panno de linho cobertas de unguento adhesivo. Segura-se tudo isto por meio de um chumaço, e d'uma ligadura enrolada: sendo este apparelho bem applicado não se carece ordinariamente de mais coisa alguma até a ferida sarar de todo.

O ponto importante consiste em unir os labios da ferida, e conserva-los em *contacto immediato*, de modo que nem o ar, nem os corpos estranhos possam influir nella, e consequentemente é facil de perceber que qualquer meio com que se alcançar este fim deve ser tido por bom, mórmente quando fôr mais expedito do que outro. Por exemplo, quando alguém dá um golpe n'algum dedo, póde-se envolver e apertar esta parte dando-lhe umas poucas de voltas com linha ou cordel; muitos operarios não empregam senão este meio. Da mesma maneira, Mr. Romand de Dampierre, indica a seguinte receita por elle experimentada. Cobrir a ferida de assucar em pó, sobre o qual se applica a pelicula interna d'um ovo crú, pelo lado opposto á casca, sustendo tudo com um panno, e uma ligadura. Poder-se-ia em logar do assucar empregar pós de goma, ou mesmo farinha, e em logar da pelicula do ovo, que facilmente se rasga, fazer uso d'um panno de linho fino molhado em clara de ovo, a qual em seccando fórma uma especie de oleado solido. A *agua vermelha*, gabada contra os golpes, e que é uma dissolução de resiná no alcool, obra do mesmo modo, e emprega-se da seguinte maneira: unem-se as bordas da ferida, e depois envolve-se em um panno de linho apertado, por cima do qual se derrama a dita *agua vermelha*, cujo alcool se evapora, e deixa as resinas, que endurecendo formam um verniz. Vê-se pelo expellido não só que o bom resultado das curas depende da promptidão, e acerto com que os socorros são administrados, mas tambem, que com tanto que elles preencham bem as condições indicadas, *todos são bons*, e sómente merece a preferencia o que estiver mais prompto.

Quando a ferida é n'uma arteria de certo volume, póde o doente, esvaindo-se em sangue, *perecer dentro d'alguns minutos*; cumpre por tanto veda-lo provisoriamente, até que um homem perito a isto possa dar remedio infallivel. A côr do sangue que sae d'uma arteria, é um rôxo vivo e vermelho; elle fórma um repucho impetuoso, e irregular, cuja elevação ora cresce ora diminue, correspondendo sempre aos movimentos do pulso. Se mediante a compressão feita na arteria principal do membro, entre a ferida e o coração, estancar de repente o sangue, é signal certo de que este provém de uma arteria, e o que ha então a fazer é applicar os dedos ao longo da arteria, e apertá-la contra um osso, de modo que fique vedada a saída do sangue, conservando-se nesta posição, até vir o cirurgião, a pessoa que tem na sua mão a vida do ferido (2). Tambem se póde conseguir o mesmo resultado atando um lenço á roda do membro, e torcendo-o por meio d'uma chave, d'uma bengala, do cabo d'um chicote, ou da vareta d'uma espingarda.

Mas se a distancia fôr tal que o cirurgião deva demorar-se muito, póde fazer-se a compressão por meios mecanicos; assim, quando a arteria é delgada tapa-se a ferida com fios apertados, e feitos em bolinhas algum tanto duras, que se sustentam com chumaços

(2) Se uma só pessoa não bastar para este mister, poderão revesar-se duas ou tres.

dispostos á maneira de cunhas, isto é, de fórma que o mais pequeno assente logo sobre os fios, e embrulha-se tudo em uma ligadura bem apertada. Este methodo tem com tudo o inconveniente de causar dores, e seria além disso insufficiente, se o vaso fosse algum tanto volumoso. Sirva-nos de exemplo o caso do rompimento da arteria radical (aquella em que se toma o pulso). Seria necessario empregar: 1.º uma tira enrolada, e apertada, presa por alguns pontos ao meio d'uma ligadura, que teria o comprimento sufficiente para dar duas voltas á roda do braço: 2.º uma fita forte de lãa, linha, ou seda: 3.º uma chapa de papelão de tres pollegadas em quadrado, cujos cantos se arredondariam: 4.º, e finalmente, uma varinha de quatro pollegadas de comprimento, e da grossura de um dedo. O modo de arranjar o apparelho é este: põe-se a tira enrolada na parte interna do braço duas a tres pollegadas acima do cotovelo, no logar onde se sente latejar, e retem-se nesta posição, enrolando no membro as pontas da compressa, que se pregam com alfinetes. Do outro lado põe-se a chapa de papelão, depois de arqueada para amolda-la á convexidade da parte: então dão-se duas voltas com as pontas das fitas, e atam-se estas com um nó, mas não tão apertado que não possa caber um dedo entre a fita e o papelão. A varinha de que acabámos de fallar, que se introduz por este intervallo, serve para torcer a fita, e por consequente para achatar a arteria entre a tira enrolada, e o osso do braço, que lhe offerece um ponto de apoio. Em o sangue cessando de correr amarra-se a varinha com uma tira de panno, para que o apparelho não se desaperte. Tomadas estas medidas estancará o sangue, que se tornasse a correr bastaria dar mais uma volta a varinha para veda-lo; mas é necessario não perder da lembrança que isto é um remedio provisório, e que releva chamar sem demora o cirurgião, ou levar o doente aonde estiver algum, pois fôra grande imprudencia esperar, por exemplo, uma noite inteira, em riscos de se declarar a gangrena no membro assim apertado. Se a arteria ferida fôr no pé ou na perna, far-se-ha a compressão do mesmo modo na parte inferior da côxa, um pouco acima do joelho, e na banda que lhe fica opposta, onde se sente palpitar a arteria principal do membro inferior, e se fosse mesmo na côxa comprimir-se-ia na dobra da verilha, que é onde a arteria sae do ventre.

Quando em uma ferida ha muitas arteriasinhas rotas, applicar-se-lhes-hão uns fios molhados n'uma dissolução de pedra hume, de extracto de saturno (acetato de chumbo liquido), ou de agua de melissa (herva-cidreira), ou de Colonia puras: um chumaço, e uma atadura um pouco apertada susterão os fios.

As feridas das veias são muito menos perigosas que as das arterias; o sangue que dellas sae é rôxo escuro, e esguicha sem ser ás guinadas, correndo com mais abundancia quando se carrega em sitio superior á ferida, isto é, entre esta e o coração, e parando se se comprime a veia abaixo do logar ferido, de sorte que sendo isto inteiramente o contrario do que acontece nos ferimentos das arterias, é por essa mesma razão um indicio assaz seguro para distinguir as duas especies de feridas. Algumas bolinhas de fios, sustentadas por chumaços, e uma ligadura pouco apertada bastam para obstar a estas hemorragias, que aliás nunca são tão temiveis como as de uma arteria.

Todas as vezes que o ferimento fôr de alguma importancia, com ou sem hemorragia, deve o doente ser collocado commodamente, sobre uma cama livre de tudo que possa embarçar a circulação do sangue, e conservado em perfeito descanso de corpo e de espirito, privado de alimentos, e principalmente de bebidas espirituosas até que o medico possa examina-lo,

e prescrever o que convier. Se fôr preciso transportá-lo para longe, será levado em uma padiola (um colchão posto em cima de uma escada), porque os solavancos de uma sege podem ser-lhe nocivos. As mesmas precauções são igualmente applicaveis ás fracturas e deslocações.

Quando depois de uma queda ou pancada mais ou menos violenta o individuo sentir n'algum membro uma dôr aguda, ou quando esse membro ficar tão mal tractado que não seja possível o move-lo, pede a prudencia que na duvida de haver alguma fractura ou deslocação se proceda como se realmente existissem. As fracturas consistem na quebra d'um ou muitos ossos, a deslocação na descollocação das articulações (*juntas*) resultante da dilaceração dos ligamentos que mantêm no seu logar as extremidades osseas. Diz-se vulgarmente de quem soffre as ultimas que *tem um membro desmentido*. As *torceduras* e as *distensões* não são mais do que o effeito do empuchão que estes mesmos ligamentos soffrem quando o esforço não é tamanho, que fazendo sair os ossos do seu logar, cause uma deslocação. É facil de comprehender que se requerem conhecimentos profundos de anatomia em quem pretender prestar soccorros efficazes; a pessoa que os não possuir não pôde deixar de fazer um grande mal, e talvez d'impedir que o cirurgião seja bem succedido na cura das partes inflammadas e doridas, e por isso é preciso sobre tudo fugir das mãos dos algebitas, e outros charlatães, cuja sciencia consiste unicamente em puchar fortemente e em todos os sentidos um membro, que uma vez por acaso encaixam no seu logar, de cada cem vezes que produzem graves doenças, especialmente havendo fracturas (3). Melhor fôra seguramente ficar sem soccorros alguns do que recebe-los de tal casta.

Nas fracturas e deslocações não é o perigo urgentissimo, posto que seja vantajoso obter promptos soccorros. As pessoas não versadas na arte de curar devem pois limitar-se a erguer o ferido com geito e cautela, tendo o cuidado de amparar o membro doente, de modo que não soffra abalo algum durante o transitio. Logo que o doente estiver deitado na cama, despi-lo-hão, cortando com tisouras os vestidos que cubrirem a parte queixosa, para evitar toda a agitação dolorosa. O membro deverá descansar sobre almofadinhas ou travesseiros fofos, e ficar um pouco arqueado, por ser esta a situação em que se padece menos dôr. Convém além disso experimentar, por meio de tentativa, diversas posições, e adoptar aquella que o mesmo doente escolher. Esperar-se-ha assim pela chegada do cirurgião, porém se elle tardar pôde-se cobrir o membro com pannos de linho molhados em agoa morna, em que se deitarão tantas colheres de café, vinagre, ou aguardente, quantos forem os copos d'agua. Estes meios, que são os unicos de que se pôde lançar mão sem perigo, deixam as coisas no estado em que o accidente as puzera, e o cirurgião não tem de operar sobre partes magoadas e inflammadas por operações insensatas, que podem tornar a cura impossivel.

Leva algumas vezes comsigo o instrumento que faz a ferida substancias nocivas aos corpos, e que fazem correr mais perigo do que a propria chaga, a qual em uma immensidade de casos é de muito pouca importancia. Os selvagens, por exemplo, usam molhar as

(3) Desgraçadamente ainda não é raro encontrar entre nós quem tenha fé nos extravagantes e ás vezes damnosissimos meios de curar molestias verdadeiras ou imaginarias, empregados por certos curandeiros velhacos e ignorantes. Quantas pessoas persuadidas de uma coisa impossivel, qual é a de lhes ter *caído a espinhela*, submettendo-se áquellas ruins práticas, ficam doentes para o resto dos seus dias. Congratule-mo-nos ao menos de já não haver quasi ninguem que creia em feitiços depois que não ha frades que bonzam endemonihados.

pontas das flechas em succos vegetaes venenosos, e estas armas, bem como os instrumentos cortantes com que se desmancham animaes mortos de carbunculos, ou em estado de putrefacção, inoculam uma materia causadora de perigosas enfermidades. Por igual motivo as prezas da vibora, e os dentes d'animaes damnados causam a morte com symptomas particulares; finalmente o ferrão das abelhas, das vespas, e dos mosquitos contém em si um liquido corrosivo que inflamma fortemente as partes picadas, não fallando no ferrão que o insecto larga frequentes vezes na ferida.

Quando acontece um accidente do genero dos acima apontados convém dar-lhe prompto remedio, aliás apparecerão no fim de algum tempo symptomas assustadores.

Se occorrer a circumstancia de ser a picada ou golpe dado com instrumento impregnado de materias putridas, será necessario (neste caso escolhe-se do mal o menor) fazer sangrar a ferida o mais que fôr possível, para que saia a materia nociva que dentro se lhe depositára, e ao mesmo tempo se atará uma ligadura bem apertada acima da parte ferida. Se a conformação permittir o deitar uma ventosa, pôr-se-ha sobre a ferida uma torcida de lamparina, e accessa se cobrirá immediatamente com um copo: o vacuo que se estabelece obriga a sair os liquidos da ferida, como o fãria a acção de chupar, expediente que não se pôde aconselhar por não deixar de ser perigoso para quem o praticasse. Todavia se alguma pessoa movida de grande zelo quizesse expôr-se a isso deveria ter a cautela de lavar antes a boca com azeite, que impede a absorpção. A cauterisação da ferida com o ferro em braza, e melhor ainda com os causticos liquidos, é um recurso vantajosissimo e até indispensavel, mas de que só um medico pôde usar, pois qualquer outra pessoa inexperiente na arte de curar se exporia a agravar sem fructo algum as dores do ferido, se com mão timida lhe applicasse o caustico, ou a offender os grandes vasos ou os grandes troncos nervosos, se acaso o empregasse com demasiada affouteza. O enfermo deve além disso ser tractado como nas enfermidades agudas.

Os mesmos cuidados exigem os mordidos pelas vaboras e animaes damnados. Quando felizmente se cauterisam a tempo as feridas feitas pelos ultimos, consegue-se quasi sempre impedir a manifestação dos symptomas funestos; porém não ha tempo a perder em semelhantes occasiões, e cada instante de demora pôde expôr o doente a perigosas alternativas. Mas nem por haver decorrido algum tempo depois da mordedura, ou mesmo por já estar fechada a chaga, se deixará de recorrer á cauterisação, pondo-se uma confiança indevida nos imaginarios remedios gabados nos diversos paizes, porque nenhum delles até agora foi reconhecido como verdadeiramente energico. Não haja pressa de matar como damnado qualquer animal que tenha mordido alguém; pelo contrario encerre-se e observe-se o que lhe acontece. Tem-se visto com effeito morrer algumas pessoas de hydrophobia só pela idéa de que um animal damnado as mordêra.

Nas mordeduras de abelhas, vespas, e zangãos é necessario em primeiro logar extrahir os ferrões com pequenas tenazes ou pinças, ou com o bico de um alfinete, e depois applicar-lhe logo em cima uma mistura de azeite e de ammonia liquida. Não ha além disso accidentes reaes senão quando as picadas são muitos bastas.

F. Rattier D. M.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.